

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM

**ONOMÁSTICA BÍBLICA:
PROCESSOS DENOMINATIVOS DE PESSOAS E DE LUGARES**

Delmiro Gouveia

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA

RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM

**ONOMÁSTICA BÍBLICA:
PROCESSOS DENOMINATIVOS DE PESSOAS E DE LUGARES**

Trabalho de Conclusão de Curso produzido como requisito parcial para integralização do curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da UFAL-Campus do Sertão.

Orientador: Professor Dr. Cezar Alexandre Neri Santos.

Delmiro Gouveia

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

A524o Amorim, Rubya Sunamita Brandão

Onomástica bíblica: processos denominativos de pessoas e de lugares / Rubya Sunamita Brandão Amorim. - 2022.
47 f.

Orientação: Cezar Alexandre Neri Santos.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Linguística. 2. Toponímia. 3. Onomástica bíblica. 4. Denominação. 5. Antroponímia. I. Santos, Cezar Alexandre Neri. I. Título.

CDU: 81'373.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

RUBYA SUNAMITA BRANDÃO AMORIM

ONOMÁSTICA BÍBLICA: NOMES DE PESSOAS E DE LUGARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 01 de dezembro de
2022. Nota Final: **10,0 (Dez pontos)**

Banca Examinadora:

Delmiro Gouveia-Alagoas/*online*, 01 de dezembro de 2022

Orientador

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos (UEAL)

gov.br

Documento assinado digitalmente
CEZAR ALEXANDRE NERI SANTOS
Data: 12/12/2022 15:08:37-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Examinador

Interno

Prof. Dr. Rodrigo Pereira (UFAL)

gov.br

Documento assinado digitalmente
RODRIGO PEREIRA
Data: 13/12/2022 21:53:47-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Examinador
Externo

Prof. Me. Eduardo Lima dos Santos (SEDUC-SE)

AGRADECIMENTOS

Ao amado da minh'alma, meu Senhor, pelo dom da vida, por sua palavra e pela oportunidade de honrar e glorificar o seu nome.

À minha família, minha mãe Cleilda e meus amados irmãos Raul e Ruy, por sempre me apoiarem e serem a minha base.

Aos meus amigos da Universidade Alisson, Déborah, Valéria e Karla, pelo companheirismo e amizade em todos os momentos.

Ao meu professor e orientador, Dr. Cezar Alexandre Neri Santos, pela inspiração, ensinamentos e paciência.

À Rubya menina, por acreditar que, apesar da pequenez, conseguiria contribuir com o mundo de forma extraordinária.

RESUMO

A presente pesquisa descreve aspectos denominativos de pessoas e de lugares no contexto das narrativas bíblicas, com o objetivo geral de analisar fenômenos linguísticos e extralinguísticos relativos a *corpora* onomásticos em destaque na Bíblia. Especificamente, problematizamos as causas relacionadas às escolhas e às mudanças de nomes bíblicos, observando tendências denominativas e influências de perspectiva espiritual no uso da palavra como propulsora denominativa. Dessa forma, usamos o texto bíblico traduzido para português brasileiro, apresentando nomes tanto do Velho quanto do Novo Testamento para seleção do *corpus*, comparando-os em três edições: Almeida (2009), King James (1998) e Ave Maria (2001). Assim, analisamos os nomes, seguindo a ordem de apresentação do contexto sócio-histórico; a descrição de elementos gramaticais e semânticos; além da busca pela identificação de tendências denominativas. A partir disso, propomos a categorização dos nomes de pessoas e de lugares em categorias, dividindo-as em aqueles que sofreram mudanças, quer escolhidos por Deus e por pessoas; nomes mudados, subdivididos em nomes mudados por Deus/Jesus e nomes mudados por pessoas. Outra categoria é orientada pela semântica dos nomes, ligados, em especial, a profecias e a descritores. No caso dos topônimos, identificamos que todos podem ser compreendidos descritores.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica bíblica. Denominação. Antroponímia. Toponímia.

ABSTRACT

This research focuses on the naming of people and places in biblical narratives, aiming to analyze linguistic and extralinguistic phenomena related to the onomastic processes. Specifically, we problematize the causes related to choices and changes of biblical names, observing denominative tendencies and influences from a spiritual perspective in the use of the word as a denominative phenomenon. Thus, using the biblical text, translated into Brazilian Portuguese, presenting the Old and New Testaments that made up the *corpus*, compared them in three editions: Ferreira de Almeida (2009), King James (1998), and Ave Maria (2001). These personal and place names are analyzed, following the order of presentation of the historical context; the interpretation of semanticetymological elements, and the identification of related denominative tendencies. This categorization resulted into five categories, related to names chosen by God and by individuals; identified by the semantics of names and prophecies; and descriptive names; about place names, we also find descriptive names as a denominative cause.

KEYWORDS: Onomastics. Bible. Designation. Personal names. Place names.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 ATOS E PROCESSOS DE NOMEAÇÃO: O QUE DIZER SOBRE OS NOMES	11
2.1 O QUE É E O QUE HÁ EM UM NOME?	11
2.2 A DIMENSÃO MÁGICO-RELIGIOSA DA PALAVRA	13
2.3 O ÉTIMO COMO CAUSA EM COMUNIDADES RELIGIOSAS	16
3 FILIAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: NOMES BÍBLICOS	19
3.1 ONOMÁSTICA COMO CAMPO DISCIPLINAR: REVISÃO DA LITERATURA.....	19
3.2 ASPECTOS FILOLÓGICOS E TRADICIONAIS DO TEXTO BÍBLICO	23
3.3 SELEÇÃO DO CORPUS E EXEGESE DO TEXTO BÍBLICO	24
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	28
4.1 O LIVRO DE GÊNESIS: LÍNGUA(GEM) E CRIACIONISMO.....	28
4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE ANTROPONÍMICA	30
4.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE TOPONÍMICA	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Por fazer parte de uma comunidade cristã que compreende o nome como um signo não arbitrário, por toda a minha vida carreguei discretamente o meu segundo nome, *Sunamita*, entendendo-o como algo especial, um nome incomum. Durante minhas experiências sociais em lugares como a escola ou a faculdade, sempre percebi um estranhamento por parte das pessoas quando ouviam o meu nome, o que me levou a pesquisá-lo e aprender que ele carrega uma bênção e também certo ar de mistério, pois é um nome acerca do qual a Bíblia se refere em um cenário de fé e milagres, além de ser incomum no rol dos nomes de pessoas no Brasil.

Durante a disciplina eletiva *Onomástica da Língua Portuguesa*, ministrada pelo professor Dr. Cezar Alexandre Neri Santos, entendi que esse campo de pesquisa dialogava com as minhas experiências pessoais, com relação aos nomes próprios de pessoas e lugares. Essa disciplina contribuiu com a perspectiva de que o nome é mais do que apenas um identificador ou um rótulo, inclusive pode ser um objeto de pesquisa, acerca do qual há muito a ser explorado. Essa compreensão me fez querer entender mais sobre esse tema, levando-me a questionar “o que há em um nome e o que se relaciona ao processo denominativo?”. Se eu pouco sabia sobre o meu nome, depois disso comecei a me perguntar o que havia a ser explorado nele e em tantos outros nomes que fazem parte da comunidade religiosa na qual estou inserida.

A partir do grande apreço que tenho pelas histórias e personagens bíblicos, comecei a delimitar a minha pesquisa, pensando mais especificamente a denominação no contexto da tradição bíblica, com o objetivo geral analisar fenômenos linguísticos e extralinguísticos relativos aos processos onomásticos de pessoas. Como objetivos específicos, pensamos em problematizar as causas relacionadas às escolhas e mudanças de nomes bíblicos, observando tendências denominativas e influências de perspectiva espiritual no uso da palavra como propulsora denominativa.

Algumas questões norteadoras foram: quem são os principais agentes denominativos, partindo do pressuposto de que, nesse contexto bíblico, o indivíduo humano não é exclusivamente o único denominador? Quais as causas que motivaram as escolhas dos nomes? Nesse processo é importante observar a narrativa na qual o nome aparece, considerando os atos de fala dos personagens e a denominação como

ato performativo que influencia a língua(gem), a entidade denominada e a realidade circunscrita; há tendências/paradigmas denominativos que, como ação simbólica, perpassam e se repetem em histórias e contextos diferentes, permitindo a formulação de regras ou classificações?; por fim, quais aspectos sócio-históricos e culturais podem ser imputados à estrutura linguística dos nomes dos personagens e lugares bíblicos após a denominação, ou seja, a partir do uso desses nomes na atualidade, em contextos de práticas espirituais e de fé?

Para além da análise dos nomes, esse trabalho permite refletir sobre os efeitos de uma perspectiva espiritual da palavra aplicada ao processo denominativo no contexto da tradição bíblica, bem como refletir como tais efeitos podem ter direcionado a seleção de nomes de crianças em contextos de comunidades religiosas judaico-cristãs na contemporaneidade.

Para tanto, tomou-se como fonte o texto bíblico, traduzido para português brasileiro, apresentando nomes do Velho e do Novo Testamentos, comparados em três edições: Ferreira de Almeida (2009), King James (1998) e Ave Maria (2001). Considerando os nomes que compuseram o *corpus*, percebe-se não haver diferenças substanciais entre as traduções, segundo verificação prévia. Já a seleção de episódios para composição desse *corpus* dentre as edições do texto bíblico perpassou escolhas individuais, tentando ser o mais extensivo na seleção dos excertos que se aplicam a fenômenos de natureza onomástica.

Para analisar os nomes, seguimos a ordem de apresentar o contexto sócio-histórico, seguido da descrição de elementos semântico-etimológicos, para então identificarmos tendências denominativas relacionadas. Com a análise, veremos os argumentos que sustentam essas categorias. No caso dos antropônimos, propomos uma divisão entre *nomes que sofreram mudanças*: a) nomes escolhidos, subdivididos em nomes escolhidos por Deus e por pessoas, b) nomes mudados, subdivididos em nomes mudados por Deus/Jesus e nomes mudados por pessoas, neste último tipo de mudança dividimos as mudanças entre mudanças nas quais um indivíduo muda o seu próprio nome ou do nome de outra pessoa; e categorias orientadas pela *semântica dos nomes*, c) nomes proféticos; d) nomes que fortalecem profecias; e e) nomes descritores. No caso dos topônimos, trabalhamos com os nomes descritores.

Assim, na seção 2, o ato e o processo de nomeação, traçamos conceitos e escopo acerca dos nomes, especialmente sua dimensão mágico-religiosa, como postula

Biderman (1998), por vezes baseado na etimologia como causa denominativa em comunidades religiosas. Apresentamos a filiação teórico-metodológica à onomástica, por meio da revisão da literatura desse campo. A compreensão da base metodológica se dá pela definição da seleção e da codificação de dados. A quarta seção permite refletir acerca do uso da palavra no episódio da criação, em seguida vemos a análise e descrição dos antropônimos e topônimos com base no dicionário bíblico de Soares de Moraes (2010).

Na quinta seção, discutimos os resultados da pesquisa, postulando tendências denominativas e padrões motivadores em seus respectivos contextos dos nomes, relacionando-os às questões norteadoras. Por fim, nas considerações finais, resgatamos os dados tratados e projetamos avanços atuais e promissores.

2 ATOS E PROCESSOS DE NOMEAÇÃO

A presente seção apresenta fundamentação teórica acerca de atos e processos de nomeação, destacando definições e propriedades do objeto de observação – os nomes. Caracteriza-se a dimensão mágico-religiosa desse tipo de signo linguístico, em especial, por causa da forma como os significados são tomados por sujeitos que desempenha(ra)m a denominação de entidades animadas ou inanimadas, mais particularmente em contextos considerados sagrados.

2.1 O QUE É E O QUE HÁ EM UM NOME?

Desde o início de nossas vidas, aprendemos que as pessoas possuem um nome. Durante o processo de alfabetização, é comum começarmos aprendendo a escrever nosso nome, bem como o dos nossos familiares. Também, no processo escolar, aprendemos que o nome próprio pertence à classe dos substantivos e que a presença dos substantivos próprios em nossa vida é algo frequente. Contudo, os questionamentos sobre o que é e o que há em um nome não costumam ser aprofundados no senso comum.

Partimos da premissa que o ato de nomear alguém não pode ser tomado com uma simples ação que causa a distinção entre um e outro, é muito mais do que isso, dar nome a alguém é construir um movimento em que há a relação entre a palavra, o mundo e a sociedade. A palavra porque o nome é necessariamente uma estrutura linguística; o mundo porque essa estrutura linguística faz referência a algo que existe (seja a pessoa, o objeto, lugar ou materialidade que influenciou a raiz etimológica que compõe o sentido da palavra); e a sociedade porque esse nome é recebido e reconhecido pelas pessoas como um nome que se refere a uma pessoa (PINKER, 2008, p. 324).

Para além dessa relação palavra, mundo e sociedade, existem questões que podem ser pensadas com base no processo de nomeação e no seu produto, como, por exemplo, o significado dos nomes, a origem, a criação de novas palavras a partir dos nomes próprios, a tipologia dos nomes (apelidos, sobrenomes, prenomes) e aspectos marcantes de sua estrutura, como a sonoridade, o simbolismo dos nomes e seu impacto para o imaginário social, principalmente através das práticas poéticas.

Diferente dos substantivos comuns, cuja função primária é descrever, como em *cadeira*, necessariamente um objeto, o nome próprio apresenta dupla dimensão: a dimensão de referência a um objeto e a dimensão de exploração. Quanto à segunda dimensão, segundo Martins (1991), o nome é reconhecido como um signo simbólico de natureza virtual, que carrega consigo um conjunto de sentidos que não se manifesta em um primeiro momento, ou seja, quando esse nome é citado.

Um exemplo disso é que quando dizemos o nome de alguém, na maioria das vezes, buscamos estabelecer uma conexão com alguém, mas o que também pode acontecer é entendermos que existem outros sentidos nesse nome que podem ser explorados, como nomes de personagens mitológicos usados metaforicamente, a exemplo de “*Ele é um Hércules*”, para se referir à força de alguém; “*Casanova*”, para quem tem aptidão de conquistador, tal qual o “*Sedutor de Veneza*” ; ou o uso de “*Chernobyl*” como adjetivo, com sentido similar a tóxico, referindo-se ao acidente nuclear em Chernobyl, na Ucrânia. Com esses exemplos vemos que o nome não serve apenas para se referir a algo ou alguém.

Assim, cabe percebermos quais elementos constituem o próprio nome. Martins (1991) explica que, no mundo ocidental, pode-se dividi-lo em: a) *prenome*: nome individual ou “nome de pia”, que pode ser *honorífico* (referente a uma honra, como frei, dom); b) *nome de família (sobrenome)*, que pode ser: *patronímico* (derivado do nome do pai), *adjetivo patronímico* (indica os pais, como “Isaías, filho de Amós (ISAÍAS:1, FARC); c) *apelido*: designação injuriosa ou que especifique alguma característica particular física ou não, apenas um aspecto marcante pelo qual a pessoa passa a ser conhecido) d) *algunha* (designação relacionada com aspecto particular), como “Messias”.

Outro ponto a ser compreendido é a complexidade, uma vez que o nome consegue manter vários sentidos enquanto identifica alguém. Segundo Martins (1991, p. 19), o nome próprio pode ser tomado como“(…) um texto que envia a própria epopeia do sujeito em construção e desconstrução continuada”, o que o torna um símbolo-âncora que passa por uma “dilatação semântica”. É nesse sentido que percebemos como há uma natureza necessariamente heterogênea nesse objeto de investigação, não só na forma como se constitui através de propriedades morfológicas, semânticas, pragmáticas, mas também no que está relacionado à sua reflexão simbólica, como seu valor, seu significado, história e etimologia.

Podemos perceber que o ato de denominar acontece por meio do uso da língua, o que implica em sofrer influências do sistema em que esse processo acontece (como étimos), ao mesmo tempo em que aquele que denomina pode influenciar a língua e a tipologia dos nomes (ao criar, por exemplo, novos vocábulos ou semas a partir da criação de nomes). Essa heterogeneidade também se reconhece na tipologia de antropônimos (nomes de pessoas). Das propostas, destaca-se a de Eduardo Amaral (2011), em *Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileira*.

A importância dessa proposta se justifica pelo fato de os nomes brasileiros terem origens diferentes, carregando consigo valores sociais, históricos, ideológicos e linguísticos que, muitas vezes, não se encaixam nas tipologias de outras línguas. Um exemplo disso é a noção de *apelido*, na tipologia dos nomes espanhóis é o sobrenome, no português brasileiro seria um termo que expressa uma característica marcante de alguém, geralmente atribuído por outra pessoa, podendo ser pejorativo.

Em seu trabalho, Amaral (2011) propõe que os antropônimos (nomes de pessoas) podem ser divididos em ortônimos e alônimos. Na categoria de ortônimos temos *prenome* (primeiro nome) e *sobrenome* (nome de família). Já o grupo dos alônimos está subdividido em *hipocorístico* (marcado pela alteração morfológica, como abreviação, uso do diminutivo), *apelido* ou *alcunha* (alusão à característica física ou mental que pode ser pejorativa), *pseudônimo* (antropônimo empregado no lugar do nome civil) *codinome* (nome usado para ocultar o nome em um plano de ação, por exemplo), *heterônimo* (nome que corresponde ao nome de uma pessoa fictícia criada pelo próprio indivíduo para uma versão fabricada de si), *nome artístico/ de palco* (substitui o nome civil em uma atividade artística profissional), *nome de guerra* (comum em meios como a guerra, substitui o ortônimo).

2.2 A DIMENSÃO MÁGICO-RELIGIOSA DA PALAVRA

Conforme assinalado, apesar de o nome próprio ser de ocorrência universal, ele possui uma natureza heterogênea que envolve elementos importantes no processo de investigação. Um desses aspectos diz respeito a pensarmos as dimensões do nome. Ao aprofundarmos a relação palavra, mundo e sociedade, destacamos a divisão proposta por Biderman (1998) em *Dimensões da palavra: a dimensão cognitiva*, que se associa ao processo de nomeação e à designação da realidade), dimensão *significativa*, na qual

se examina a relação do signo linguístico com a realidade; e a dimensão *mágico-religiosa* da palavra. Se refletirmos sobre essa última pela ótica bíblica, inicialmente, destacamos a potência criadora atribuída ao verbo no capítulo 1 do livro de Gênesis, o que implica perceber como a palavra assume um poder transcendental e pode ser entendida como ponto de partida da criação e organização de tudo o que há. Isso se aplica, por exemplo, às religiões monoteístas como cristianismo, judaísmo e islamismo.

Quanto ao poder transcendental das palavras, os nomes estão fortemente atrelados ao referente, de forma que, por causa e através do nome, é possível acontecer uma atuação divina sobre o indivíduo. Um exemplo disso é o fato de que, baseado na Bíblia, muitas pessoas executam ações “em nome de Jesus”. Essa questão é registrada bíblicamente, no caso das ações documentadas dos discípulos de Jesus e personagens bíblicos que fazem uso do nome dele. Além disso, nos dias de hoje a utilização desse nome como um símbolo de poder espiritual ainda existe de maneira expressiva, como exemplo de reuniões religiosas compartilhadas pelo meio televisivo, como acontece com as missas da Igreja Católica e cultos das igrejas Universal e Mundial.

Outro ponto interessante, principalmente quanto às comunidades evangélicas do segmento pentecostal, seria a recomendação para não substituir o nome por apelidos ou palavras carinhosas como vocativo, para que não haja o apagamento do nome. Essa preocupação se deve pelo reconhecimento de dois fatores: o primeiro é a crença de que somos chamados por Deus pelo nome (ISAÍAS 49:01) e Dele receberemos um novo nome (APOCALIPSE 2:17), não reconhecendo apelidos, o que os torna obsoletos; o segundo se baseia na compreensão de que o nome possui um caráter profético divino galardoador sobre a pessoa a quem intitula, o que faz com que a sua não utilização possua um efeito anulador não apreciado.

Pensando as crenças relacionadas com a palavra em sentido mais amplo, para além dos nomes próprios, observamos como algumas pessoas se relacionam com a palavra a partir de interpretações dos textos bíblicos, como em: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação para que dê graça aos que ouvem” (EFÉSIOS, 4:29, FARC); e em “Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (MATEUS, 12:34, FARC).

Se retomarmos o exemplo de que pessoas fazem uso do nome de Jesus para executar ações espirituais, podemos pensar em um dos usos mais expressivos da

palavra, observando por essa dimensão mágico-religiosa, que seria o que aqui vamos chamar de fenômeno de “uso profético da palavra”, o qual pode ocorrer de duas formas: a primeira quando Deus utiliza uma pessoa como ferramenta para verbalizar uma mensagem sua, como em “Assim diz o SENHOR, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar” (ISAÍAS 48:17, FARC), quando Deus falou através do profeta Isaías, fenômeno chamado de “profetizar”. Salientamos que existem momentos bíblicos em que Deus não faz uso de nenhum intermediário, como quando aconteceu o batismo de Jesus: “E ouviuse uma voz dos céus que dizia tu és meu filho amado em quem me comprazo” (MARCOS 1:11, FARC).

A outra forma seria quando a pessoa faz uso da palavra de maneira *profética*, sem ter necessariamente recebido de Deus uma mensagem, mas a ousadia para declarar e criar através da palavra, com uma iniciativa autônoma, baseada no que se entende como palavra e ordenança bíblica, o que muitos chamam de “*ato profético*”, que, em síntese, é a liberdade do ser humano de, a partir da palavra, criar com a sua própria palavra, pautada em uma autoridade espiritual dada por Deus, mas com a autonomia da pessoa que declara, como quando alguns profetas e personagens bíblicos tomaram a iniciativa de criar certas situações.

Como exemplo temos a referência do que aconteceu com o profeta Elias, quando ele, por iniciativa própria, mas valendo-se da autoridade espiritual de profeta e do nome de Deus, profetizou que não choveria no reino de Acabe e Jezabel por três anos (I REIS, 17; 1). Nesse sentido, para algumas comunidades ainda existem atos proféticos que não envolvem o uso da palavra, mas sim ações, como tocar buzinas, marchar, gritar, esperar, erguer as mãos. Atos como esses fizeram com que os judeus vencessem diversas dificuldades, a exemplo da queda da muralha de Jericó (JOSUÉ, 5; 6). Cabe destacar que esses atos proféticos são realizados até os dias de hoje em algumas comunidades religiosas.

Para além da palavra dita, há também algo especial em ouvi-la, segundo essa tradição, “de sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (ROMANOS 10: 17, FARC) ou “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas”, versículo que se repete muitas vezes ao longo do livro de Apocalipse, antes e após as profecias às sete igrejas. (APOCALIPSE 2:7, 2:11, 2:17, 2:29, 3:22, 3:13, 13:9).

Uma experiência que segue essa compreensão de ouvir a palavra é o fato de que Saul, o primeiro monarca dos judeus, passou uma fase de sua vida sendo perturbado por espíritos malignos, mas o fato de ouvir Davi proferindo palavras em adoração a Deus fazia com que as ações demoníacas desses espíritos sobre a mente dele fossem interrompidas durante a adoração de Davi (1 SAMUEL 16).

Reconhecemos, ainda, a relação atribuída à pessoa de Jesus e à palavra nessa dimensão mágico-religiosa, representada no verso “No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (JOÃO 1:1, FARC), o qual se refere a Jesus como palavra e como instrumento de ação espiritual, explicando o porquê de a palavra ser tão poderosa, pois ela é o próprio Jesus. Com relação a isso, existem excertos que sugerem essa relação, como “Em verdade, em verdade eu vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte” (JOÃO 8:51, FARC), texto que associa a salvação à palavra proferida por Jesus. Também associamos “E Jesus lhes respondeu, dizendo: está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus” (LUCAS 4:4, FARC); “Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida” (JOÃO 6:47-48, FARC); “Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me amar, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada” (JOÃO 17:17, FARC); e “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (JOÃO 15:3, FARC).

Sumariamente, confirmamos, no texto bíblico, que a palavra apresenta uma dimensão mágico-religiosa como força criadora, quando o nome de Jesus se configura como ferramenta para operar maravilhas e o verbo que se fez carne; também há a importância do não apagamento do nome, o cuidado ao usar as palavras, a profecia e o ato profético através de palavras. Essas crenças permitem retratar como algumas comunidades religiosas se relacionam com a palavra e, conseqüentemente, a usam.

2.3 A ETIMOLOGIA COMO MOTIVAÇÃO DENOMINATIVA EM COMUNIDADES RELIGIOSAS

Diversas questões podem ser levantadas em relação à distinção entre o nome comum e próprio, sendo a mais frequente a se esse último possui significado. Como resposta, da maneira mais simplificada possível, temos dois posicionamentos, o sim e o que não. Nesse antagonismo, compreendemos que esses posicionamentos perpassam

também o estudo etimológico dos nomes e, nesse aspecto, entende-se que a questão semântica influencia a escolha dos nomes em contextos de diversas comunidades, dentre as quais as religiosas.

Eduardo Viaro (2017, p. 2) acredita que “Toda palavra tem um núcleo etimológico que é sua raiz”, assim, esse étimo é um elemento morfológico que carrega um conhecimento que estabelece uma transparência de sentido na formação de palavras, explicando os vocábulos. Através dele é possível investigar o significado, mas também o surgimento de novos vocábulos e explicar a relação entre um vocábulo e outro, até mesmo os vocábulos que não parecem relacionados. É nesse sentido que o dicionário *onlineDicio* define *étimo* como o “vocábulo que é a origem de outro”, ou seja, mostra que o étimo “Explica, portanto, vocábulos que, muitas vezes, não pareciam interrelacionados ou que, no mínimo, pareciam distantes “ (VIARO, 2017, P. 3).

Parte importante do estudo dos nomes próprios é resgatar a etimologia, esse trabalho pode envolver a reconstituição de sua origem através do estudo da ascendência do nome, de forma a encontrar sua raiz primitiva, com base na noção de que seu conteúdo léxico-semântico pode constituir uma forte característica motivadora da nomeação.

Se pensarmos, então, nos nomes que estão relacionados à tradição, quer bíblica ou não, veremos que ao longo do tempo pessoas de várias comunidades – sejam espiritualmente centradas ou não – têm se inspirado nos étimos para denominar entidades e lugares. A denominação, no contexto descrito em tempos bíblicos, que diferentemente do que vemos costumeiramente na atualidade no mundo ocidental, valorizava a relação semântica entre uma palavra e o sujeito que recebia o nome, de forma a considerá-la algo marcante, uma vez que o nome frequentemente estava associado a um conceito, como Jacó (GÊNESIS 25) do hebraico “*Ya ‘aqob*”, “aquele que segura o calcanhar”, em referência ao fato de ele realmente fazer isso (CORGOSINHO, 2018).

Nos dias atuais verificamos que existem escolhas ou criações de nomes que são motivadas mais pelo impacto eufônico do que pelo significado. Há, ainda, a motivação causada pela repetição do nome escolhido, como acontece na homenagem de famosos, sem levar em consideração sua etimologia, ficando cada vez menos atrelados a um significado, mas ainda sustentando a função de identificar.

É justamente por isso que muitas vezes curiosos podem tentar investigar a trajetória de um nome, para saber quando seu significado parou de ser associado ao significante e como a relação entre essas duas partes (significante e significado) pode ter influenciado o ato denominativo. Entretanto, em alguns casos essa investigação, geralmente executada por um linguista histórico, pode apresentar um processo envolto em dificuldades, especialmente se tratando do hebraico e grego antigo. Apesar desse trabalho ser importante, o que nos interessa aqui é a percepção de que para realizar essa investigação deve-se partir do pressuposto de que os nomes próprios possuem um significado atrelado à raiz etimológica e esses significados serão discutidos em nossa pesquisa (CORGOSINHO, 2018).

Com base na pesquisa que realizamos identificamos que o aspecto semântico era um fato cultural e socialmente relevante para a escolha ou composição de muitos dos nomes selecionados para esse trabalho, muitos desses nomes apresentam uma espécie de codificação de certas características (físicas ou psicológicas) evidentes ou desejadas, em uma estrutura linguística fônico e socialmente significativa, conforme veremos posteriormente.

O que podemos perceber nesse contexto religioso é que as pessoas que fazem parte dele percebem que, na tradição bíblica, há denominação motivada pelo étimo e reproduzem isso em seu ato denominativo, tomando como base de dados os próprios nomes bíblicos, baseados não somente na disseminação global neles, mas em seu significado, de forma que as comunidades que não possuem essa noção da dimensão semântica acabam percebendo apenas aspectos mais latentes que estão postos, como dito anteriormente acerca da massificação e impacto fônico.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: OS NOMES BÍBLICOS

Essa seção trata de aspectos teóricos e metodológicos em relação à análise de nomes próprios. Em um primeiro momento, apresenta-se o ponto de vista selecionado para tratamento dos nomes, orientado pela Onomástica, e se apresentam as principais fontes usadas para trabalhar com o texto bíblico, arrolando, ao fim, os nomes bíblicos selecionados como *corpus*.

3.1 O CAMPO DISCIPLINAR DA ONOMÁSTICA: REVISÃO DA LITERATURA

A partir do exposto, podemos perceber como os nomes próprios possuem uma natureza rica de dimensões, desdobramentos e simbolismos que, quando estudados, se mostram interessantes e imprescindíveis ao estudo dos nomes. É justamente pensando nessa riqueza e heterogeneidade que envolvem o movimento de refletir sobre essa questão que nós podemos entender a onomástica como a disciplina que se debruça sobre essas questões de maneira sistematizada.

Conforme a subseção a 1.1 *Breve história dos estudos onomásticos* do capítulo *Panorama dos estudos onomásticos* de Amaral e Seide (2020), vemos que numa tradição ocidental, os filósofos gregos já se interessavam pela relação entre nomes e referentes. O termo onomástico, do grego ὀνομαστικός, *onomastikós*, usado com o sentido de 'lista de nomes próprios', passa a ser usado, posteriormente, com a acepção de 'estudo dos nomes próprios' (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 36).

Avançando para o século XX, influenciada pelos estudos linguísticos, a onomástica começa a considerar mais fortemente aspectos não apenas gramaticais, mas também sociais e discursivos (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 37). Por isso, nos séculos XX e XXI, pesquisas interdisciplinares criam uma interface entre os estudos linguísticos e a Antropologia, a Sociologia, a Literatura, entre outros, de forma que são muitos os estudiosos de outras áreas que têm se preocupado com a categoria dos nomes próprios (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 39).

O interesse pelos estudos onomásticos no Brasil é recente, se comparado ao nível internacional, o que se deve, em parte, pela história dos estudos linguísticos no país, atrelados fortemente ao processo de "cientifização" do trabalho com a linguagem, em decorrência da criação dos cursos de Filosofia e Letras, por volta de 1930. Depois disso,

os estudos onomásticos brasileiros vão se intensificar com o início dos programas de pós-graduação, principalmente pelas universidades federais, por volta de 1960. Com pesquisas em nível de mestrado e de doutorado voltadas para os estudos lexicais, contemplando os estudos onomásticos, como o Grupo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), as pesquisas sobre nomes próprios, especialmente topônimos e antropônimos crescem significativamente no Brasil (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 46).

José Leite de Vasconcelos (1858-1951), humanista português, foi pioneiro nos estudos onomásticos em língua portuguesa e suas publicações são referência. Já entre os primeiros pesquisadores brasileiros de onomástica, destacam-se Rosário Farâni Mansur Guérios (1907-1987), no âmbito da Antroponímia e Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. (AMARAL; SEIDE, 2020, p.47).

Atentando-nos ao aspecto mais conceitual, Carvalhinhos (2008) e Amaral (2021) apresentam a Onomástica como a ciência que estuda os nomes de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos), objeto de caráter interdisciplinar. As principais características desse objeto, segundo Seide e Amaral (2020, p.58) são: a) a possibilidade de identificação direta de um referente único em um universo de conhecimento compartilhado por emissor e receptor; b) a capacidade de referir, independentemente da presença de determinante; c) a não apresentação de traços semânticos identificadores de classe; d) a grafia com maiúscula inicial.

De maneira geral, um nome é uma palavra; de maneira mais específica, apresenta um conjunto de elementos e fenômenos linguísticos e extralinguísticos particulares. Carvalhinhos (2008) expõe a visão de que todo nome próprio é, antes, um nome comum que se torna próprio a partir de um processo específico, que envolve repetição, aceitação e cristalização, para, a partir disso, identificar e particularizar aquele ou aquilo que é denominado (CARVALHINHOS, 2008, p. 3).

Propondo uma uma classificação dos antropônimos, Amaral (2011) toma critérios para definir membros internos. Lá ele divide os antropônimos em duas categorias: ortônimo (Nome civil composto de prenome e sobrenome) e alônimo (que pode ser nome de guerra, pseudônimo/codinome, apelido (ou alcunha), nome artístico (nome de palco, heterônimo e hipocorístico).

Essa sistematização permite assinalar processos denominativos e quais valores o constituem. Além disso, como o nome próprio cumpre a função específica de identificar

de maneira particularizada o elemento denominado (CARVALHINHOS, 2008), nesse processo entram em jogo fenômenos interessantes aos estudos onomásticos, como os marcadores linguísticos, fatores sociais e culturais.

Seguindo essa direção, podemos sistematizar algumas marcas do nome próprio com base no capítulo *Morfossintaxe dos antropônimos* de Seide e Amaral (2020, p. 102134): a) vemos que não há padronização da grafia dos antropônimos e uma diversidade de formas para nomes com uma mesma origem; b) a antroponímia brasileira, encontram-se antropônimos que seguem a distinção de gênero gramatical (masculino X feminino), mas, há casos de nomes exclusivamente atribuídos a homens, outros exclusivamente atribuídos a mulheres e atribuídos a ambos; c) por meio de processos de derivação sufixal, acronímia, justaposição, aglutinação, inversão de letras e abreviação, novos antropônimos são criados. Por meio especialmente da sufixação, os antropônimos permitem a criação frequente de substantivos, adjetivos e verbos.

Para além dessas observações estruturais e caracterizadoras, a onomástica também enxerga diversas dimensões dos nomes próprios, refletindo sobre sua natureza. Nesse sentido, existem muitos aspectos que podem ser destacados, como a arbitrariedade do signo, a motivação ao estabelecer uma palavra como denominadora de algo (aqui nome de pessoa ou lugar), ou ainda a discussão de onde mora o significado do nome, conforme Pinker (2008).

Para ele existem duas respostas: uma seria no mundo, onde estão as coisas a que essa palavra se refere, e a outra seria no entendimento das pessoas sobre como essa palavra pode ser usada, uma espécie de saber comum e social que está na mente das pessoas. Para elucidar, alguns exemplos dados por ele são interessantes, como *gato*, palavra que tem seu sentido explicado através da existência do animal, ao passo que *unicórnio*, seria uma palavra com seu significado com referente mental.

A ideia do autor seria a de que as palavras possuem significados que exercem uma espécie de descrição do que elas nomeiam. Isso geraria uma espécie de definição, uma caracterização idealizada desse conceito, o que configura o sentido da palavra, que vai ser usado como referência a algo ou a alguém. Sendo assim, o nome próprio seria como uma espécie de abreviação de descrição específica definida, não necessariamente no próprio nome, com seu significado ligado também ao ato original de nomeação.

Para além do aspecto materialmente linguístico que envolve a constituição do nome, também podemos pensar que esse denominador se dá em uma cadeia de

transmissão, sendo a combinação de um som com um sentido compartilhado por uma comunidade atrelada inserida em um mundo que funciona com referências, informações e sistemas que caracterizam e padronizam aspectos atribuindo um sentido a tudo. Nesse sentido, usar um nome é usar uma palavra, mas, muitas vezes criar/usar tendências, como lembrar de alguém, de algum personagem, alguma influência famosa, tornando o ato de nomear o ato mais concreto e democrático para criação de palavras, podendo influenciar a ascensão ou a queda de nomes, através da concepção de quais nomes são agradáveis ou desagradáveis.

Sobre os topônimos, Carvalhinhos e Antunes (2007) resgatam o fato de que, atualmente, por conta dos estereótipos sociais, o nome próprio de pessoa é diferente do nome de lugares, diferentemente de antigamente, quando os nomes de pessoas poderiam ser designados para lugares, objeto e animais, funcionando como um “amuleto”, o que significaria que com seu significado ele cumpriria uma função, ao passo que atualmente ele (o antropônimo) é visto mais como uma etiquetagem que convém a sociedade, que se encaixa no padrão aceito, visto que existe a possibilidade de vetação de um nome caso esse cause constrangimento.

É nessa perspectiva de que o nome seria uma etiquetagem, ou seja, cumpriria função de distinguir, mas sem haver relação entre o referente e o significado, que surge a ideia de esvaziamento semântico do nome. Esse fenômeno linguístico que advém da própria evolução da linguagem é um movimento que vai em direção oposta ao que temos visto sobre a supervalorização do nome em comunidades como as cristãs pentecostais, conforme comentamos anteriormente.

Nesse sentido, Carvalhinhos e Antunes (2007) colocam que na toponímia esse fenômeno teria o nome de cristalização ou fossilizados, que seria a permanência vazia do nome do lugar, sem levar em consideração o significado do nome, uma vez que esse lugar teria mudado e o referencial físico não teria mais sentido ou não seria lembrado. O nome, objeto da onomástica, nasce da relação entre a palavra e algo a que se quer referir, como expõe Carvalhinhos (2008).

Carvalhinhos (2008, p.5) destaca, sobre o significado dos nomes próprios:

Em função de antropônimo, podemos afirmar que, pelo menos no caso das sociedades ocidentais, o nome de pessoa se particulariza por ser um signo linguístico parcialmente privado de seu significado original, do mesmo modo que existe o esvaziamento do topônimo, tornando-o opaco. O que emerge desta afirmação e da discussão que tentamos implementar atualmente é não apenas o status do antropônimo como signo de língua tão opaco ou desvinculado de seu referente, ou nome etiqueta, como já propunha o filósofo STUART MILL, no

século XIX. Vem à tona, também, a questão de se imaginar outras relações estabelecidas no campo mental do denominador, renovando o significado do nome e propondo novos referentes a partir dos pré-existentes.

Percebemos aqui que é frequente esse apagamento do significado do nome próprio de pessoas e de lugares, porém, como já exposto, nas comunidades evangélicas pentecostais e em outras comunidades, há, justamente, o oposto: um movimento de resgate desse significado do nome e uma espécie de atribuição mágico-religiosa ao nome. Nesse sentido, é importante salientar que esse esvaziamento semântico não é exclusivo da antroponímia brasileira, está circunscrito no contexto da cultura ocidental.

Em síntese, nesta seção vimos a onomástica como um campo de estudos que estuda o próprio nome, refletindo sobre sua natureza, características e fenômenos atrelados a ele, conforme foi listado anteriormente. Dentre esses levantamentos realizados, vimos que existem uma série de problemas teóricos, como a heterogeneidade de marcadores linguísticos, fatores sociais e culturais; a arbitrariedade do signo; a motivação ao estabelecer uma palavra como denominador e a discussão de onde mora o significado do nome. Sobre os topônimos, discutimos algumas diferenças entre os nomes próprios e nomes de lugar. Dessa forma, além de apresentar algumas das possíveis reflexões realizadas pela onomástica, em nossa análise de nomes discutiremos alguns dos aspectos relevantes nos problemas teóricos introduzidos nesta subseção.

3.2 EDIÇÕES BÍBLICAS E QUESTÕES DE TRADUÇÃO: FONTE DE COLETA DE DADOS

Para pensarmos a onomástica no contexto bíblico, importa definirmos as fontes de base da pesquisa, ao conhecer as traduções do texto e como elas se apresentam, em busca de uma noção geral de como os nomes bíblicos estão descritos e como circulam em português brasileiro/no Brasil. Sabemos que é necessário que a tradução do texto bíblico venha de um trabalho rigoroso e ético que mantém a autenticidade e fidedignidade do texto original ao máximo. Para esse trabalho foram escolhidas as bíblias King James (KJ), Ferreira Almeida Revista e Corrigida (FARC), escolhidas por serem amplamente conhecidas em comunidades evangélicas pois ambas são edições cristãs protestantes, e a versão Ave Maria (AM), de tradição cristã católica numa tentativa de abarcar uma edição diferente das bíblias protestantes.

Entendemos que cada edição se destina a se apresentar e atender a um público específico. Há os que geralmente atendem ao público protestante e outro que atende ao público católico, sendo, então, o nome próprio o nosso objeto de análise, poderemos observar em que medida a tradução dos nomes de pessoas e lugares ocorre.

Justificamos, assim, que, com essas escolhas, podemos abarcar variações bíblicas diferentes, uma vez que as bíblias católicas diferem das protestantes em alguns aspectos, como no fato de que a seleção dos livros que fazem parte da bíblia católica segue a tradução grega do Antigo Testamento, ao passo que as traduções protestantes seguem o cânon da bíblia hebraica, não considerando sete livros, a saber: Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, I Macabeus e II Macabeus, além de alguns fragmentos dos livros de Ester e de Daniel. Cabe ainda observar, com base na descrição desses três textos em separado, se há distinções em aspectos tradutórios dos nomes, uma vez que escolhas diferentes resultam em textos com diferenças, quer sutis, quer significativas.

3.3 SELEÇÃO DO CORPUS, ANÁLISE DE CONTEÚDO: PROCEDIMENTOS DE EXEGESE DO TEXTO BÍBLICO

A seleção do material dentro das edições do texto bíblico perpassa uma escolha individual, mas sempre baseada na tradição. Estão a seguir, em um quadro, a sistematização dos dados coletados, como os nomes, as menções em cada excerto e a devida referência. Como critério, tomaram-se exemplos que apresentam o nome como questão central ou que tem forte relação com sua exegese.

Quadro 1 – Exemplos de mudanças antroponímicas no texto bíblico

ANTROPÔNIMO	MOTIVAÇÃO DENOMINATIVA	REFERÊNCIA BÍBLICA
Jesus	Nome escolhido (por Deus)	Lucas 1:31
João	Nome escolhido (por Deus)	Lucas 1:13
Ismael	Nome escolhido (por Deus)	Gênesis 16:15
Isaque	Nome escolhido (por pessoas)	Gênesis 21:3
Abraão	Nome mudado por Deus	Gênesis 17:5
Sara	Nome mudado por Deus	Gênesis 17:15
Israel	Nome mudado por Deus	Gênesis 35:10
Pedro	Nome mudado por Deus (Jesus)	João 1:48
Benoni	Um indivíduo muda o nome (de outro indivíduo)	Gênesis 35:18
Betelssazar	Um indivíduo muda o nome (de outro indivíduo)	Daniel 1:7
Paulo	Um indivíduo muda o nome (o seu próprio)	Atos 9:4
Ester	Um indivíduo muda o nome (o seu próprio)	Ester 2:7
Daniel	Nome profético	Daniel 1:7
Davi	Nome profético	1 Samuel 16:13
Jezabel	Nome profético	1 Reis 16:31
Jacó	Nome profético	Gênesis 25:26
Maer-Salal-Hás-Baz	O nome como fortalecedor de uma profecia (sob escolha divina)	Isaías 8:3
Esaú	Descritor	Gênesis 25:25
Moisés	Descritor	Gênesis 35:10

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Esse quadro apresenta categorias organizadas por dois critérios. Primeiro apresentamos as categorias que estão relacionadas com o agente denominador e a motivação extralinguística, nesse caso temos as seguintes categorias: a) nomes escolhidos, subdivididos em nomes escolhidos por Deus e por pessoas, b) nomes mudados, subdivididos em nomes mudados por Deus/Jesus e nomes mudados por pessoas, neste último tipo de mudança dividimos as mudanças entre mudanças nas quais um indivíduo muda o seu próprio nome ou do nome de outra pessoa.

Depois, apresentamos categorias organizadas pela semântica dos nomes, nestes, em especial, percebemos como o significado do nome é importante não só para a história dos personagens (como também aconteceu com outros nomes), mas como característica principal do nome. Dividimos esses nomes em: a) nomes proféticos. b) nomes que fortalecem profecias; c) nomes descritores. Já o Quadro 2 elenca casos de mudanças antropônimos no texto bíblico, em menor número.

Quadro 2 – Exemplos de mudanças toponímicas no texto bíblico

TOPÔNIMO	MOTIVAÇÃO DENOMINATIVA	REFERÊNCIA BÍBLICA
Gólgota	Descritor, Marco Histórico e Título	Mateus 27:33
Getsêmani	Descritor	João 18:1
Moriá	Descritor	Gênesis 22:2
Sinai	Descritor	Êxodo 19:1
Babilônia	Descritor	Jeremias 51:1

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A análise do *corpus* será via análise do conteúdo, de caráter qualitativo e interpretativo, dividida em três fases: pré-análise, exploração do material e interpretação. Buscamos, com isso, analisar os dados coletados verificando que existem ocorrências de determinadas construções e referências, o que nos levou a organizar essas ocorrências por categorias, também tratamos da formulação de hipóteses que apresentam interpretações relacionadas com os fenômenos associados aos nomes escolhidos. Dessa forma, o material selecionado será analisado e interpretado

objetivando tornar os dados significativos, confrontando-os, também com as informações que são existentes (GIL, 2008, p. 152-153).

O objetivo é analisar os fenômenos em comum no que se refere às mudanças de nomes dispostos na Bíblia, pensado as tendências e possibilidades de classificação dessas tendências, entendendo que os nomes próprios de pessoas, no contexto bíblico estão relacionados a cinco fatores. A compreensão dessas categorias parte da ideia de que elas possibilitam a motivação de escolha desses nomes no contexto das comunidades religiosas ligadas à essa tradição.

Para analisar os nomes, seguiremos a ordem de apresentar o contexto sóciohistórico do objeto, em seguida, pensaremos a semântica e etimológica dos nomes, observando a língua mais especificamente, para então observarmos quais as tendências denominativas estão relacionadas aos objetos selecionados. Com a análise veremos os argumentos que sustentam essas categorias, as quais percebemos que são basicamente cinco, no caso dos antropônimos: descrição da vida, nome escolhido por Deus, nome escolhido pelo homem, nome mudado por Deus, nome mudado pelo homem, nome como fortalecedor de uma profecia, no caso dos topônimos vemos as categorias descritor, marco histórico e título.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE ONOMÁSTICOS NA NARRATIVA BÍBLICA

Nessa seção, iniciaremos retomando impactos do uso da linguagem no contexto da narrativa bíblica, para explorar, posteriormente, os antropônimos e topônimos selecionados como *corpus*, seguindo como roteiro de análise: apresentação do contexto social-histórico e bíblico no qual o nome aparece na narrativa; considerar seu(s) significado(s) – etimológicos e associados – para explicar as tendências denominativas que ousamos assinalar a partir da nossa interpretação dos fenômenos.

4.1 O LIVRO DE GÊNESIS: LÍNGUA(GEM) E CRIACIONISMO

O ato de nomear, como prática coletiva, expõe como a palavra é entendida por um sujeito e/ou comunidade e em quais dimensões costuma ser considerada, como argumenta Biderman (1998). Não é diferente na tradição bíblica. Numa dimensão mágico-religiosa, a palavra funciona como ferramenta poderosa para ordenação do caos como cosmo significativo. É justamente isso que está descrito no capítulo 1 do livro de Gênesis, cuja descrição alegórica da criação é operada por meio de palavra proferida. Apesar de essa noção da palavra baseada na cosmovisão hebraica ser extremamente disseminada, existem pontos que a atravessam que podem ser mais bem trabalhados. Então, aqui vamos discutir alguns deles.

No capítulo supracitado de Gênesis, a palavra é tomada durante os primeiros cinco dias da criação, gerando e organizando o que há através da verbalização oral; no sexto dia a palavra não foi usada para criar, mas para convocar: “Então disse Deus: façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gênesis 1:26 FARC). Após a criação, então, Deus teria proclamado o descanso no sétimo dia, o que nos proporciona a percepção de que o homem e a mulher são a única parte da criação que não foram feitos por intermédio da palavra, mas com base na própria semelhança de Deus: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” (Gênesis 2:7, FARC). Essa parte da narrativa foge do padrão, pois destaca quando a ferramenta protagonista da criação não é usada para criar o ser humano, antes é adquirida como uma habilidade inerente, chamada de capacidade linguística, o que viabiliza a nomeação.

Há, nesse sentido, uma semelhança entre Deus e o ser humano: ambos podem fazer uso da palavra, ao passo que não existe registro de comunicação verbal entre os

demais elementos da criação. Há, ainda, o fato de que Deus teria criado o homem para dominar sobre tudo o que existe: nos versículos posteriores, Adão e Eva são apresentados como gerentes do Jardim do Éden. Há uma narrativa social de que Adão teria assumido a função de nomear os animais e as plantas. Possivelmente, após a expulsão do Jardim, eles teriam sido obrigados a frequentar e explorar outros lugares, uma vez que precisavam sobreviver e trabalhar lavrando a terra, o que teria impulsionado a denominação de lugares e de outros seres.

Então, nessa cosmovisão, o homem seria uma espécie *superior* que recebe de Deus a capacidade fazer o mesmo que Deus – usar a palavra para denominar os entes da Terra. Existem muitos exemplos bíblicos que relatam criações ou operações mágicas por intermédio da palavra, como curas, operações de maravilha, multiplicações de alimentos, entre outros eventos nos quais a palavra assume a função de criadora, mesmo proferida por homens, como os profetas do Velho Testamento, com a benção de Deus, como destacamos.

Dessa forma, verificamos que, na tradição bíblica, o nome próprio e uso da palavra, como um todo, não são arbitrários, dada a dimensão mágico-religiosa, de maneira a construir a percepção de que existe um importante vínculo entre a essência de uma palavra e sua designação. Em relação ao nome, acredita-se em um vínculo entre a pessoa ou lugar denominado e a essência da palavra, o que faria com que várias culturas considerassem o nome uma parte vital de si e de sua identidade.

Um aspecto importante sobre o uso da palavra é o fato de que ela não seria “apenas” uma ferramenta mágica para a criação, mas a própria criadora, a fonte do poder. Isso dialoga com o escrito do Evangelho segundo João 1: 1-5 (FARC):

No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e O Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandecia nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Assim, a palavra teria o agir de Deus – no trecho, citado na pessoa de Jesus –, e seria também o próprio Deus, pois Jesus é o Verbo e Jesus e Deus são um só, na teologia cristã. Esses versículos de João seriam a explicação de como Jesus se fez Verbo e criou o mundo quando proferido por Deus e como ele se fez carne, isto é, como a palavra de Deus habitou entre os homens como um deles. Assim, para as culturas bíblicas que assumem essa narrativa como verdadeira, usar a palavra é algo sagrado, pois usar a palavra é recorrer a Jesus.

Nesse sentido, sabemos que, na tradição hebraica, o nome de Deus é impronunciável, e as palavras que usamos para nos referir a Ele (como Senhor, Deus, Pai – no caso do português brasileiro) devem ser ditas com um certo cuidado, pois, segundo o livro de Êxodo, escrito por Moisés, quando Deus escreveu os dez mandamentos, em um deles determinou: “Não pronunciarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, pois o Senhor não deixa impune quem pronuncia o seu nome em vão.” (Êxodo, 20: 7, FARC).

Para diferentes crenças de origem judaica, há um cuidado especial para que não haja o apagamento dos nomes dos integrantes da comunidade, porque acredita-se que o nome próprio de alguém é algo muito importante e que está diretamente relacionado com a vida espiritual dessa pessoa, enquanto ela estiver na Terra vivendo em seu corpo natural. Sendo assim, um nome próprio, para essas comunidades, é tão importante que o produto do ato denominativo, dentro desse contexto, é percebido como uma espécie de presente que o bebê ganha ao nascer, em uma espécie de analogia aos presentes que Jesus ganhou assim que nasceu. Esse presente nada mais é do que uma bênção que vem atrelada ao significado do nome da pessoa, uma bênção que não só o acompanha, como também influencia a sua personalidade e sua trajetória.

Mais alguns usos da palavra foram explorados na subseção 2.2, *A dimensão mágico-religiosa da palavra*. Buscamos aqui seguir uma apresentação e análise lineares que tomem a palavra como ferramenta de criação em Gênesis, mas também como espécie de recurso divino que também foi concedido à humanidade, de forma que o seu uso permite diversas operações espirituais na tradição bíblica.

4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE *CORPUS* ANTROPONÍMICO

Cientes de que o nome possui uma dimensão mágico-religiosa, como mais um elemento que se manifesta como poder espiritual transcendental, é interessante pensarmos quais tendências denominativas acontecem no contexto da narrativa bíblica e como isso pode influenciar a escolha de nomes bíblicos no contexto das comunidades que possuem sua de tradição baseada na judaica. Nessa análise seguiremos uma de apresentação dos nomes levando com critério os fenômenos que os classificam, de acordo com a tabela 1 apresentada na seção anterior.

4.2.1 Nomes escolhidos por Deus

Dentre os nomes bíblicos que se encaixam nessa categoria em nosso corpus, temos: João, Jesus e Ismael. O primeiro foi um profeta amplamente conhecido que teve seu nome escolhido por Deus e anunciado aos pais da criança por um mensageiro do Senhor, conforme o texto de Lucas 1:13 (FARC): “Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João.”

A história sobre a nomeação de João foi cercada de eventos incomuns que reforçaram a utilização do nome escolhido por Deus. Dentre esses acontecimentos vemos a condição temporária de mudo na qual o seu pai esteve durante o período da gestação, além de notarmos uma resistência de algumas pessoas no que se refere à escolha do nome João Batista no momento de sua circuncisão, sob o argumento de que não havia ninguém em sua família com esse nome, ou seja, era uma escolha denominativa que não se adequava ao que se entendia como uma motivação de homenagem, e por isso foi recebida com estranhamento, conforme Lucas 1:59-64 (FARC)

E aconteceu que, ao oitavo dia, foram circuncidar o menino, e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai. E respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João. E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por esse nome. E perguntaram por acenos ao pai como queria que lhe chamassem. E pedindo a ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam.

O nome João tem origem linguística do hebraico e significa “Agraciado por Yahweh” ou “Yahweh é gracioso”. Já Batista, do grego e significa “o que faz mergulhar, batizador, o que batiza” (MORAES, 2010, p. 121; 239). O nome de João tem forte relação com a função profética que ele executou, sendo a “voz que clama no deserto” (JOÃO 1:23), tendo sido o último profeta a anunciar a vinda de Cristo, o último escolhido para alertar sobre a necessidade de preparação espiritual e arrependimento.

O próprio Jesus também teve o seu nome escolhido por Deus. Embora Jesus seja chamado por diversos nomes paralelos como Emanuel (ISAÍAS 7:14), que significa Deus conosco, conforme o versículo supracitado expõe. A existência desses nomes se deve, principalmente, aos escritos dos profetas messiânicos que anunciavam a vinda do Filho de Deus. Apesar disso, o nome que o anjo Gabriel trouxe a Maria foi Jesus, que significa “Yahweh é salvação” (MORAES, 2010, p. 236). Com relação a isso vejamos o texto: “E

dará à luz um filho e tu chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.” (MATEUS 1:21, FARC).

Diferentemente de João, Ismael não era contemporâneo de Jesus, na realidade, sua história acontece muitos anos antes, ainda na época do primeiro patriarca judeu, Abraão. Ismael foi o primeiro filho de Abraão, ele nasceu de Hagar, serva de Sara, esposa de Abraão, a qual era estéril e deu sua serva como mulher a seu esposo para que assim ele pudesse ter um filho. Entretanto, um tempo depois Sara concebeu e orientou Abraão a mandar Hagar e seu filho embora. Inicialmente Abraão se mostrou resistente diante da ideia, até que recebeu de Deus a confirmação. Hagar e Ismael saíram errantes no deserto, de forma que quando os seus recursos se esgotaram ela acreditava que eles morreriam, mas naquele momento receberam uma mensagem do Senhor.

Essa mensagem está relacionada com o nome de Ismael, que significa “Deus ouviu” (MORAES, 2010, p. 221). Vejamos o texto de Gênesis (21:15-19, FARC):

E consumida a água do odre, lançou o menino debaixo de uma das árvores. E foi assentar-se em frente, afastando-se à distância de um tiro de arco; porque dizia: Que eu não veja morrer o menino. E assentou-se em frente, levantou a sua voz, e chorou. E ouviu Deus a voz do menino, e bradou o anjo de Deus a Agar desde os céus, e disse-lhe: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino desde o lugar onde está. Ergue-te, levanta o menino e pega-lhe pela mão, porque dele farei uma grande nação. E abriu-lhe Deus os olhos, e viu um poço de água e foi encher o odre e deu de beber ao menino.

Esse excerto merece destaque porque dialoga textualmente com a passagem da gestação de Ismael, quando Hagar tentou fugir para o deserto e também recebeu a mensagem de um anjo, em Gênesis 16:11 (FARC): “Disse-lhe também o anjo do Senhor: Eis que conceberás, e darás à luz um filho, e chamarás o seu nome Ismael, porquanto o Senhor ouviu a tua aflição”. Aqui vemos como o significado do nome de Ismael se concretiza em sua infância: a escolha do nome dele estabelecia uma espécie de relação entre o seu clamor e o Senhor.

Nessa categoria, *nomes escolhidos por Deus*, é possível percebermos que esse momento de anúncio de um nome escolhido por Deus é marcante e vem carregado de uma atmosfera positiva atrelada à visita ou ao gesto de Deus enviar uma mensagem. Em comunidades religiosas há muitos relatos de pessoas que afirmam ver anjos, receber profecias ou ainda sonhar com a escolha de nomes para crianças

4.2.2 Nomes mudados por Deus

Anteriormente falamos sobre Ismael e Isaque. Nesta subseção, trataremos de Abraão e Sara, personagens que pertencem à mesma família. Sara e Abrão são considerados pais do povo judeu, ambos passaram pelo processo de mudança de nome sob intermediação divina. O livro de Gênesis nos conta que eles eram um casal que não conseguia ter filhos, os seus nomes, inicialmente, eram Abrão e Sarai, que significa “Pai” e “minha princesa”, respectivamente (MORAES, 2010, p. 80; 331).

Posteriormente, o Senhor muda os nomes deles para “Abraão”, que significa “pai de multidões”; e Sara, que significa “Princesa, senhora, governante”. Essa mudança acontece a partir do momento em que o Senhor fez uma aliança com eles, prometendo que os levaria para um lugar, uma terra que ainda mostraria, sinalizando o projeto de nação que tinha para eles, também, através da mudança dos nomes. Sobre essa questão, o relato em Gênesis 17: 2-7 (FARC) apresenta:

E porei o meu concerto entre mim e ti e te multiplicarei grandissimamente. Então, caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo: Quanto a mim, eis o meu concerto contigo é, e serás o pai de uma multidão de nações. E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto. E te farei frutificar grandiosamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti. E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus e à tua semente depois de ti.

Em relação ao nome de Sara, dos versículos 15 a 19 do mesmo capítulo, temos:

Disse Deus mais a Abraão: a Sarai, tua mulher, não chamarás mais pelo nome de Sarai, mas Sara será o seu nome. Porque eu a hei de abençoar e te hei de dar a ti dela um filho; e a abençoarei, e será mãe das nações; reis de povos sairão dela. Então, caiu Abraão sobre o seu rosto, e riu-se, e disse no seu coração: A um homem de cem anos há de nascer um filho? E conceberá Sara na idade de noventa anos? E disse Abraão a Deus: Tomara que viva Ismael diante de teu rosto! E disse Deus: Na verdade, Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque; e com ele estabelecerei o meu concerto, por concerto perpétuo para a sua semente depois dele.

Assim, também acompanhamos o texto que sustenta a mudança do nome de Sara, motivada também pela mudança em sua vida, operada e anunciada por Deus, de forma que o nome desse casal compartilha uma mesma tendência denominativa, um nome mudado por Deus, nesse contexto isso acontece como um sinal de um novo recomeço em suas vidas, como um símbolo de uma promessa feita pelo Senhor, mudando suas características de casal sem filhos para ancestrais de uma nação. Percebemos que a mudança simboliza algo que realmente aconteceu quando eles foram

colocados em uma posição na qual são referência para um povo, como pai de uma multidão e governante, assim como o significado dos seus nomes.

Outro personagem que teve o seu nome mudado por Deus foi Jacó, que passou a ser chamado de Israel. Noutra subseção falaremos acerca dos nomes Jacó e em qual tendência ele se encontra, aqui nos interessa falar especificamente sobre a mudança do nome de Jacó por intermédio divino. Ao lermos a história desse personagem, vemos que ele possuía uma trajetória de fuga, após enganar seu pai, sob orientação de sua mãe, com o objetivo de conseguir a primogenitura. Depois que o pai e o irmão de Jacó descobriram que ele recebeu a bênção de primogenitura ele precisou fugir para se proteger, assim ele foi para a casa de Labão, seu tio materno, onde permaneceu por mais de uma década e tomou duas primas como esposas.

Um dia, sendo avisado da iminência de seu encontro com seu irmão, Jacó saiu para orar, conforme o texto em Gênesis 32:24-29 (FARC).

Em um texto posterior, vemos:

“E Deus lhe disse: ‘Teu nome é Jacó, mas não mais serás chamado de Jacó; Israel será o teu nome’. E chamou seu nome de Israel. E Deus também lhe disse: ‘Eu sou o Deus todo-poderoso: cresci e multipliquei; uma nação e um conjunto de nações procederão de ti; e reis sairão de ti. A terra que dei a Abraão e a Isaac, a darei a ti; e à tua descendência darei a terra depois de ti ”, (GÊNESIS 35,1012, FARC).

Depois desse encontro, Jacó passou a ser chamado de Israel, que significa “o que luta com Deus, príncipe de Deus, príncipe que prevalece com Deus” (MORAES, 2010, p. 222). Há, ainda, mais um nome a ser analisado nessa categoria, apesar de se tratar de uma mudança de nomes por intermédio divino, recebeu destaque por seu agente ser Jesus (em sua forma física) que operou a mudança do nome Simão para Pedro. Vejamos o texto João 1:42 (FARC) “E levou-o a Jesus. E Olhando-o, Jesus disse-lhe: Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado “Cefas” (que quer dizer ‘Pedro’) ”.

Esse foi o primeiro encontro de Jesus com Pedro, depois disso os textos se referem a Simão como Pedro, esse segundo nome significa “pedra” (MORAES, 2010, p. 299), que pode ser interpretado como nome que expressa a figura de Pedro como alicerce e confiança, algo que ele passa a ser durante sua trajetória como apóstolo e discípulo próximo de Jesus, diferente de sua natureza inicial, quando era volúvel. O que vemos aqui ao perceber essa mudança de nome operada por Jesus, é uma mudança que ultrapassa o limite da palavra e expressa uma mudança a qual uma pessoa se submete. O gesto de mudança de nome marca o momento em que Jesus enxerga Pedro

para além de como ele era, já marcando quem ele seria, usando o novo nome como o registro de uma transformação, o que mais uma vez reforça a interpretação de que o ato denominativo no contexto bíblico não é arbitrário.

Para finalizar, a tendência de mudança de nome por intervenção divina, no caso dos nomes analisados: Abraão, Sara, Israel e Pedro têm como efeito a marcação de uma ruptura, existindo, então, um estado de quem esses personagens eram antes da troca do nome e, posteriormente, quem eles e ela se tornam quando a promessa lhes é feita e seus novos nomes a expressam.

4.2.3 Nomes escolhidos por Pessoas

Os nomes escolhidos por pessoas consolidam a maior categoria de nomes dentre as citadas neste trabalho, dentre tantos nomes o escolhido para essa análise temos Isaque, o nome do filho de Abraão e Sara, considerados patriarca e matriarca do povo de Israel. A espera por Isaque foi longa, o livro de Gênesis nos mostra que seus pais tentaram ter filhos, mas não podiam, entretanto, um dia, quando a velhice já chegara, eles receberam uma visita, conforme Gênesis 18:2-15 (FARC):

Levantando Abraão os olhos, olhou e eis três homens de pé em frente dele. Quando os viu, correu da porta da tenda ao seu encontro, e prostrou-se em terra, e disse: Meu Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo. Eia, traga-se um pouco d'água, e lavai os pés e recostai-vos debaixo da árvore; e trarei um bocado de pão; refizei as vossas forças, e depois passareis adiante; porquanto por isso chegastes até o vosso servo. Responderam-lhe: Faz assim como disseste. Abraão, pois, apressou-se em ir ter com Sara na tenda, e disse-lhe: Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faze bolos. Em seguida correu ao gado, apanhou um bezerro tenro e bom e deu-o ao criado, que se apressou em prepará-lo. Então tomou queijo fresco, e leite, e o bezerro que mandara preparar, e pôs tudo diante deles, ficando em pé ao lado deles debaixo da árvore, enquanto comiam. Perguntaram-lhe eles: Onde está Sara, tua mulher? Ele respondeu: Está ali na tenda. E um deles lhe disse: certamente tornarei a ti no ano vindouro; e eis que Sara tua mulher terá um filho. E Sara estava escutando à porta da tenda, que estava atrás dele. Ora, Abraão e Sara eram já velhos, e avançados em idade; e a Sara havia cessado o incômodo das mulheres. Sara então riu-se consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo, também, o meu senhor já velho? Perguntou o Senhor a Abraão: Por que se riu Sara, dizendo: É verdade que eu, que sou velha, darei à luz um filho? Há, porventura, alguma coisa difícil ao Senhor? Ao tempo determinado, no ano vindouro, tornarei a ti, e Sara terá um filho. Então Sara negou, dizendo: Não me ri; porquanto ela teve medo. Ao que ele respondeu: Não é assim; porque te riste.

Como dito anteriormente, quando Sara recebeu a profecia de que geraria um filho ainda em sua velhice ela riu incredulamente, com o passar do tempo ela ficou cada vez mais sem esperança, assim, conhecedora das tradições egípcias por ter morado um

tempo nessa comunidade, ela propôs a seu esposo que ele engravidasse sua serva Hagar para que ela gerasse um filho e desse a luz a ele sentada em seu colo, passando a Sara a função de mãe da criança, é assim que Abraão tem seu filho primogênito: Ismael. Diferentemente do esperado, o nascimento de Ismael não aplacou o desejo que ela tinha de ser mãe, na verdade acabou criando uma espécie de rivalidade entre Hagar e Sara, de forma que depois do nascimento de Isaque Abraão foi aconselhado por Sara e por Deus a mandar Ismael e Hagar embora (GÊNESIS 21:8-23).

O nome de Isaque tem relação com uma expressão hebraica “ele ri”, ou ainda riso” (MORAES, 2010, 220), conforme Gênesis 21:6: “E disse Sara: Deus me tem feito riso; todo aquele que o ouvir se rirá comigo”. No que se refere aos saberes em circulação nas comunidades religiosas, o nome geralmente é relacionado com o sorriso do Senhor, ou seja, sua benevolência em conceder um milagre, ou ainda, ao riso de Sara, como um sinal de alegria diante do cumprimento da promessa.

No que se refere ao ato de uma pessoa nomeia outra, aqui percebemos que o nome de Isaque vem carregado de um significado que possui forte relação com o contexto no qual foi gerado, fazendo com o que o seu nome se torne a marca de um momento importante na vida de seus pais e carregue essa memória consigo.

Esse é apenas um exemplo de uma das categorias que acreditamos ser a mais comum na tradição ocidental contemporânea, em acréscimo podemos pensar em fatores motivadores como nomes que estão em ascensão, o aspecto sonoro, a estética da escrita (como trocas de “i” por “y”, em outro exemplo: Isaque X Isac), homenagem às personalidades famosas ou familiares.

4.2.4 Um indivíduo muda o nome de outro indivíduo

Um nome que se enquadra nesse tipo de tendência é Benjamin, filho de Jacó e Raquel, Benjamin foi um personagem bíblico que teve seu nome modificado ainda bebê. Filho de uma mãe estéril que concebeu por um milagre, o parto de Benjamim foi um evento sofrido que culminou na morte de Raquel, mas, antes disso, ela escolheu o nome do bebê, Benoni, que significa “filho da minha dor, do meu sofrimento” (MORAES, 2010, p. 125). Gênesis 35 mostra que, apesar disso, o pai de Benoni, ao descobrir que ela teria dado esse nome, mudou para Benjamin, que significa “filho da mão direita” (MORAES, 2010, p. 125), no oriente essa expressão é, muitas vezes, interpretada como equivalente a “filho do meu amor”, pois, se analisarmos trechos bíblicos que se referem à mão direita,

vemos que era usada para simbolizar benção, salvação, amor (ISAÍAS 41:10, SALMOS 118:16, ÊXODO 15:6, SALMOS 110: 01), expressando que a criança era um presente, fruto da sua relação com a mulher a quem amou, por quem trabalhou por 14 anos (GÊNESIS 29). Por ser um presente valioso, Benjamin se tornou o filho mais protegido de Jacó, não só por seu pai, mas também por seus onze irmãos, que reconheciam o fato de que se algo acontecesse a Benjamim seu pai morreria.

Outro nome que foi mudado foi o de Daniel, judeu que viveu no período do reinado de Jeoaquim, quando Nabucodonosor tomou Jerusalém e separou para si uma parte do povo como cativos, entre eles Daniel foi tomado de forma especial, pois era um jovem príncipe entre os judeus, sábio e instruído. Posteriormente, ele recebeu outro nome, conforme Daniel 1:7 (FARC), “E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias o de Sadraque, e a Misael o de Mesaque, e a Azarias o de Abednego.”

A mudança do nome de Daniel, que significa “Deus é meu juiz” (MORAES, 2010, p. 152), para Beltessazar, que significa “Bel protege o rei ou o príncipe” (MORAES, 2010, p. 123), e dos demais príncipes judeus que se tornaram magos de Nabucodonosor, aparece com um efeito de atualizar o estado desses jovens, isto é torná-los mais babilônicos. Apesar dessa tentativa, podemos perceber que os judeus, na maior parte dos textos, continuam se referindo a ele majoritariamente como Daniel. Essa tendência denominativa, em especial, pode apresentar motivações heterogêneas e possivelmente estratégicas

4.2.5 Um Indivíduo muda seu próprio Nome

Nessa tendência vemos a mudança do nome por parte do próprio indivíduo, como exemplo temos a mudança de Saulo, que significa “pedido, desejado”, (MORAES, 2010, p. 333), para Paulo, que significa “pequeno” (MORAES, 2010, p. 299). No caso, esse indivíduo possuía realmente os dois nomes, por causa de sua dupla nacionalidade, romana e judaica. Paulo era o seu nome na tradição romana e Saulo era o seu nome Judeu.

Inicialmente, causa certa estranheza ver um apóstolo de Cristo preferir usar o seu nome romano ao invés de usar o seu nome judeu. Isso pode ser explicado através de uma observação da trajetória do apóstolo e o que a mudança do seu nome representa. Saulo era um judeu criado aos pés de Gamaliel, isto é, era um homem rigoroso, criado

aos moldes do judaísmo conservador, quando o cristianismo chegou à Judeia ele foi um dos primeiros a negá-lo e se tornou um notório perseguidor dos cristãos, não importava se se tratasse de pessoas consideradas mais vulneráveis, como crianças e idosos, ele perseguia e acabava com a vida dessas pessoas.

Os textos bíblicos nos mostram que, quando ia a uma comunidade cristã com objetivo de destruí-la, Saulo teve o que o que muitos chamam de “encontro com Deus”, ou seja, uma situação entendida como obra de Deus, a qual gera um confronto e produz resultados atrelados à fé, vejamos o que diz Atos 9:3-7 (FARC):

E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse ao Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões. E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E *disse-lhe* o Senhor: Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer. E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém.

Depois disso, a passagem bíblica relata que Saulo ficou cego e foi milagrosamente curado por um homem que foi enviado pelo Senhor, um servo de Jesus Cristo, conforme lemos em Atos 9, tornando-se cristão. Nas passagens bíblicas, as referências a esse personagem enquanto perseguidor destacam, na maioria dos relatos, o nome Saulo; já enquanto apóstolo, é chamado de Paulo. Ou seja, a preferência por esse último nome demarca uma mudança na vida de Paulo.

Paulo de Tarso foi conhecido como o apóstolo dos gentios, responsável por levar uma crença que nasce em berço judeu (o cristianismo) para povos não judeus. Ao aceitar progressivamente seu lado estrangeiro, a narrativa bíblica retrata excursões por terras estrangeiras ao disseminar essa crença. Em parte, também podemos entender que sua mudança de nome também poderia facilitar sua evangelização em terras romanas, justamente por usar o nome que fazia parte dessa cultura, mas essa percepção não pode ser tomada como fator motivador exclusivo, uma vez que, em um episódio da história de Paulo, ele foi preso, interrogado e torturado, coisa que um cidadão romano não poderia passar, ou seja, os soldados que o prenderam não reconheceram como um legítimo cidadão romano, só descobriram sua dupla nacionalidade depois que ele contou (ATOS 16: 37).

O livro de Ester também nos apresenta uma situação de mudança de nome. Ester era uma moça judia, órfã e criada por um primo, ela se tornou rainha após o rei persa

Assuero convocar todas as moças virgens ao palácio para escolher uma esposa, nomeando, assim, Ester como sua esposa. Entretanto, o nome judeu de Ester era Hadassa, mas para proteger sua vida ela optou por esconder o seu nome primário, conforme a orientação de seu primo Mardoqueu, pois existia uma certa perseguição contra os judeus orquestrada, principalmente, por Hamã, primeiro ministro do reino. Nesse caso, vemos que a mudança foi estratégica e acabou ganhando destaque, uma vez que em algumas comunidades religiosas é mais recorrente se referirem a ela como Ester.

4.2.6 Nomes proféticos

Daniel, Davi, Jezabel, Jacó são alguns exemplos de nomes que se enquadram nessa tendência. Em uma subseção anterior, falamos sobre uma mudança no nome do profeta Daniel (de Daniel para Beltessazar). Aqui convém falar sobre o seu nome judeu, que no hebraico significa “Deus é o meu juiz” (MORAES, 2010, p. 152): esse significado pode ser entendido como uma benção, pois o fato de o Senhor ser a justiça dele diz muito sobre a trajetória de vida de Daniel. Daniel foi um homem perseguido por ser devoto a Jeová, professando a sua fé de maneira explícita, mesmo em momentos delicados quando essa adoração foi considerada um crime. Acerca disso, leiamos o relato presente em Daniel 6:7-9 (FARC):

Todos os presidentes do reino, os prefeitos e os sátrapas, os conselheiros e os governadores, concordaram em que o rei devia baixar um decreto e publicar o respectivo interdito, que qualquer que, por espaço de trinta dias, fizer uma petição a qualquer deus, ou a qualquer homem, exceto a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões. Agora pois, ó rei, estabelece o interdito, e assina o edital, para que não seja mudado, conforme a lei dos medos e dos persas, que não se pode revogar. Em virtude disto, o rei Dario assinou o edital e o interdito.

Apesar disso, Daniel continuou buscando ao Senhor e por causa disso foi penalizado ao ser lançado na cova dos leões, mas em Daniel 6:22 ele diz que Deus fechou a boca dos leões porque ele foi considerado justo por Deus. Dessa forma, pode ser estabelecida uma conexão entre as vivências de livramento de Daniel com o significado do seu nome.

Outro nome a ser analisado envolve a história de um dos reis mais importantes de Israel: Davi, que do hebraico significa “o amado, querido, amigo, favorito” (MORAES, 2010, p. 152). Davi foi o segundo rei de Israel, sua história surge na narrativa bíblica no contexto da decadência do reinado de Saul, o qual foi escolhido por Deus e ungido pelo

profeta Samuel após o povo clamar a Deus por um rei. Apesar disso, durante sua trajetória Saul tomou atitudes imprudentes e desobedeceu às ordens de Deus, de forma que o Senhor escolheu um homem segundo o seu coração para substituí-lo. Conforme 1 Samuel, capítulo 15: 10 (FARC):

Então o SENHOR disse a Samuel: “Lamento ter posto Saul como rei; deixou de me seguir, de executar as minhas ordens.” Samuel ficou profundamente contristado, de tal maneira que passou toda a noite a clamar ao SENHOR. Logo de manhã cedo foi ao encontro de Saul, mas alguém lhe disse que ele tinha ido ao monte Carmelo erigir um monumento em sua própria honra, seguindo depois para Gilgal. Quando finalmente Samuel o encontrou, Saul veio ter com ele, saudando-o.

Destaca-se, ainda, o versículo 14 do capítulo 13 de 1 Samuel (FARC):

Porém agora não subsistirá o teu reino; já tem buscado o Senhor para si um homem segundo o seu coração, e já lhe tem ordenado o Senhor, que seja capitão sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou. Porém agora não subsistirá o teu reino; já tem buscado o Senhor para si um homem segundo o seu coração, e já lhe tem ordenado o Senhor, que seja capitão sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou.

Já o significado do nome Jezabel é “Baal exalta” ou “Baal é marido” (MOARES, p. 237) em referência ao deus que Jezabel adorava. A narrativa bíblica deixa clara a relação intensa que Jezabel tem com o seu deus, como o fato de sustentar profetas e templos para ele, bem como perseguir os profetas judeus que pregavam o monoteísmo e a adoração ao Deus do povo judeu, pedindo que os judeus deixassem a adoração de qualquer outro deus que não fosse o Senhor, o que implicava na destruição dos tempos de Baal.

Jezabel foi esposa do rei Acabe, o qual se destacou pelo sucesso militar e político, mas era perverso diante de Deus, conforme o texto: “fez Acabe, filho de Onri, o que era mau perante o Senhor, mais do que todos os que foram antes dele” (1 REIS 6:30 FARC). Conforme o relato bíblico referente a Acabe: “tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi, e serviu a Baal, e o adorou” (1 REIS 16:30-31 FARC). Jezabel era estrangeira, vinha de uma cultura pagã, de forma que ela e acabe incentivaram o culto a Baal, promovendo a idolatria.

O último nome a ser analisado nessa categoria é o nome de Jacó, personagem já citado na categoria referente à mudança de nomes por intermédio divino, aqui, no entanto, convém-nos entender também a origem de seu primeiro nome. Isaque, filho Abraão e Sara, casou-se com Rebeca, com ela teve dois filhos gêmeos, Esaú e Jacó. Gênesis 25:24-26 (FARC) nos diz que:

E, cumprindo-se os seus dias para dar à luz, eis gêmeos no seu ventre. E saiu o primeiro, ruivo e todo como uma veste cabeluda; por isso, chamaram o seu nome Esaú. E, depois, saiu o seu irmão, agarrado ao calcanhar de Esaú; por isso, se chamou o seu nome Jacó. E era Isaque da idade de sessenta anos quando os gerou.

Antes do nascimento o texto nos mostra que um dos bebês colocou a mão para fora e nela amarram uma fita, para marcar quem seria o primogênito, mas o bebê da fita, Jacó, não nasceu primeiro, o texto também sugere que a gestação era complicada pois haveria ainda no ventre uma espécie de disputa, explicada sob a alegação de que no ventre de Raquel haveria duas nações, isso poderia explicar a briga pela primogenitura, que na época era carregada de benefícios sociais e financeiros.

Com o avançar da história vemos que Esaú negocia sua primogenitura com Jacó em troca de um prato de lentilha, mas que, apesar disso, não tem a intenção de dá-la realmente ao seu irmão, o que leva Jacó a enganar Isaque, fazendo com que o pai dê a bênção ao irmão mais novo, achando que era o mais velho. Isso concretiza um dos significados do nome de Jacó, “suplantador” (MORAES, 2010, p. 226), que é enganador, e o leva a viver uma vida difícil de exílio, até que ele tem uma espécie de encontro físico com Deus e luta com ele (ou com um representante Dele, há interpretações divergentes) e recebe o direito de obter uma bênção especial.

É então que há a mudança do nome de Jacó para Israel, conforme já citamos e referenciamos em uma subseção anterior. O nome Jacó é um nome que conota a rivalidade ou ainda disputa entre os irmãos gêmeos e de fato, esse é um dos principais marcos da vida de Jacó, antes de seu nome ser mudado para Israel e o principal aspecto de sua vida ser o projeto de uma nação que seria descendente dele.

O nome de Daniel, Radassa, Davi, Jezabel e Jacó possuem algo em comum, sua tendência denominativa, nomes proféticos expressam o significado de seus nomes se concretizam em suas vivências. Isso pode ser explicado se retomarmos uma discussão anterior sobre o uso profético da palavra, que parte da premissa de que a palavra proferida com fé tem poder para criar. Ou seja, segundo essa tendência e com base em uma perspectiva mágico-religiosa com relação à palavra, os nomes desses personagens colaboraram com o desenvolvimento de situações que não foram casuais, mas influenciados pelos nomes dos personagens. Atualmente, essa noção está muito presente em comunidades religiosas, de forma influenciar diretamente a escolha de nomes.

4.2.7 Nome fortalecedor de Profecias

Outro tipo de denominação muito interessante são nomes que descrevem ou se referem à profecia, como aconteceu com os filhos de Isaías. Todos os nomes dos seus filhos foram escolhidos por Deus, mas possuíam um caráter especial: estavam atrelados às profecias que ele anunciava.

O capítulo 8, versículo 4 de Isaías diz: “Ponha nele o nome de Maer-Salal-Hás-Baz. Pois, antes que ele aprenda a dizer *papai* ou *mamãe*, o rei da Assíria levará embora todas as riquezas de Damasco e de Samaria”. Isso nos mostra que, nesse caso, a profecia em questão não tem relação com o futuro da criança, mas com a função que Isaías desempenhava como profeta de um povo e com a mensagem que ele transmitia. Essa tendência, nesse caso, foi usada de forma estratégica para fortalecer a profecia que foi entregue a Isaías, esse efeito se dá ao impacto de tomar uma palavra que descreve ou se refere à profecia e usá-la como antropônimo, uma vez que a utilização desse nome será algo recorrente por um longo tempo, além de suscitar dúvidas sobre a motivação denominativa, o que pode manter em evidência a profecia citada anteriormente.

Outra história marcante, para exemplificar, é a do profeta Oséias, após casar-se (por ordem divina) com Gômer, uma prostituta, ele tem três filhos, estes recebem nomes diretamente de Deus e todos têm significados que estão atrelados às profecias entregues por Oséias, acerca da necessidade de concerto do povo, diante da idolatria, corrupção do povo e iminente destruição com a invasão de povos estrangeiros que objetivavam subjugar os judeus. E foram os filhos de Oseias Jezreel, (significa Deus espalha), Lo-Ruama (Desfavorecida) e Lo-Ami (não-meu-povo), conforme Oseis capítulo 1.

4.2.8 O Nome como um descritor da Vida

Essa tendência, nomes descritores da vida, é significativa quantitativamente entre os nomes bíblicos. Para explicá-la temos como objeto de análise os nomes Esaú e Moisés, este último significa “filho das águas” ou “tirado das águas” (MORAES, 2011, p. 272), é um nome que mistura traços hebraicos com egípcios e possui forte relação com a dramática história do nascimento de Moisés. Ele veio ao mundo em um contexto no qual os meninos hebreus estavam sendo assassinados, o que levou sua mãe a deixá-lo

em um cesto no rio Nilo para ser encontrado pela filha do faraó, o que implicou em sua criação como um príncipe egípcio, conforme Êxodo 2:5-10.

E a filha de Faraó desceu a lavar-se no rio, e as suas donzelas passeavam, pela margem do rio; e ela viu a arca no meio dos juncos, e enviou a sua criada, que a tomou. E abrindo-a, viu ao menino e eis que o menino chorava; e moveu-se de compaixão dele, e disse: Dos meninos dos hebreus é este. Então disse sua irmã à filha de Faraó: Irei chamar uma ama das hebreias, que crie este menino para ti? E a filha de Faraó disse-lhe: Vai. Foi, pois, a moça, e chamou a mãe do menino. Então lhe disse a filha de Faraó: Leva este menino, e cria-mo; eu te darei teu salário. E a mulher tomou o menino, e criou-o. E, quando o menino já era grande, ela o trouxe à filha de Faraó, a qual o adotou; e chamou-lhe Moisés, e disse: Porque das águas o tenho tirado.

De acordo com essa tendência temos ainda o nome Esaú, que significa *cabeludo*, dado sua descrição, conforme Gênesis 25:25 (FARC): “E saiu o primeiro ruivo e todo como um vestido de pelo; por isso chamaram o seu nome Esaú”.

Nessa tendência, os nomes agem como qualificadores ou descritores de características que a criança já possui, um padrão entre esses nomes é serem dados após o nascimento, como se esses agentes denominadores esperassem ver a criança para denominá-la a partir disso.

4.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE *CORPUS TOPONÍMICO*

Como dito anteriormente, os topônimos (nomes de lugares) são um tipo de nome próprio diferente dos antropônimos (nomes de pessoas), a difusão de dicionários de topônimos também acontece em menor escala em comparação com os dicionários de nomes de pessoas. Dessa forma, as fontes de pesquisa se tornam mais escassas. Nessa subseção nos preocupamos com a discussão acerca do surgimento dos nomes a serem analisados no contexto da narrativa bíblica, trabalhando com a inferência de aspectos destacados ou inferidos pela leitura do texto bíblico.

De forma a complementar essa discussão, trazemos alguns significados do dicionário de Moraes (2010). O primeiro nome a ser analisado é Gólgota, que significa “crânio, caveira” (MORAES, 2010, p. 194), a menção a esse nome aparece em Mateus 27:33 (FARC) “E chegando ao lugar chamado Gólgota, que significa lugar da caveira”, foi nesse lugar que Jesus foi crucificado. Por isso, em um primeiro momento, é possível

pensar na referência à caveira como símbolo de um lugar de morte, onde os condenados pelo poder do Império Romano eram crucificados.

Já Getsêmani, é chamado de horto, monte ou ainda jardim, é um nome que significa “lugar de azeite ou prensa para azeite ou óleo” (MOARES, 2010, p. 191). Vejamos alguns textos que se referem a esse lugar: “E, saindo, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram” (LUCAS 22:39, FARC), e “Tendo Jesus dito isso, saiu com os seus discípulos para além do ribeiro de Cedrom, onde havia um horto, no qual ele entrou com os seus discípulos.” (JOÃO 18:1). Esse foi o lugar para o qual Jesus foi momentos antes de ser preso e crucificado. Foi nesse lugar em que Jesus viveu os seus últimos momentos de liberdade, mas mesmo assim já estava profundamente aflito, conforme Mateus 26: 36-39 (FARC):

Então, chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. E levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então, disse-lhes: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui e vigiai comigo. E, indo um pouco adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia não seja como eu quero, mas como tu queres.

Getsêmani, também chamado jardim das Oliveiras, era um lugar que possuía relação com as oliveiras para produção de azeite. Em uma espécie de referência ao uso de moendas em azeitonas para a produção de azeite o profeta Isaías escreve sobre o sofrimento que Jesus passou, conforme Isaías 53:5 (FARC) “Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele e pelas suas pisaduras fomos sarados”,

Já Moriá significa “visão do Senhor” ou “escolhido pelo Senhor” (MORAES 2010, p. 276). Este é o nome de um monte mencionado em Gênesis 22, quando o Senhor decidiu provar Abraão pedindo o seu próprio filho como sacrifício, assim Abraão foi até um monte indicado por Deus para sacrificar o seu filho em um altar, ao colocar, então, o seu filho, Isaque, sobre o altar ele estava tão compenetrado em realmente oferecê-lo, de forma que foi necessário que o anjo do Senhor o chamasse duas vezes para que ele não sacrificasse Isaque. Depois de mais uma vez Deus lembrar a promessa que lhe tinha feito, dizendo que dele surgiria uma grande nação, Deus proveu o sacrifício para o holocausto. Isso levou Abraão a também chamar esse lugar de “Deus proverá”. Conforme Gênesis 22:14 (FARC) “E chamou Abraão o nome daquele lugar o Senhor proverá; donde se diz até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá. ”

Há, ainda, outro monte¹ acerca do qual falaremos, a saber, o monte Sinai. O Seu nome significa “espinhoso” ou “sarça do Senhor” (MORAES, 2010, p. 344). Ele é mencionado em Êxodo 19: 1, quando Moisés recebe de Deus algumas ordenanças para purificação do povo com o objetivo de aproximá-los do Senhor. O nome do deserto reflete bem o que é passar por esse lugar de escassez, inclusive simboliza não só o processo do povo judeu ao longo dos 40 anos de peregrinação no deserto, mas também a própria história pessoal de Moisés, quando foi procurado para condenação após um assassinato e fugiu para o deserto, onde conheceu sua esposa e viveu por alguns anos, conforme os primeiros capítulos de Êxodo.

Babilônia foi o nome da capital da Suméria, na antiga Mesopotâmia, que atualmente é o Iraque. Babilônia significa “balbúrdia, confusão” (MORAES, 2010, p. 117), foi um império que ficou marcado na bíblia, principalmente, com a figura do Rei Nabucodonosor. A Babilônia era uma cidade muito desenvolvida em comparação com as grandes cidades de sua época, sendo que desde os primórdios, os seus habitantes tinham grandes conhecimentos sobre agricultura, arquitetura, astronomia, entre outras qualidades, mas apesar disso era vista pelos judeus como um lugar de hedonismo, idolatria e contaminação. Com a análise desses nomes podemos ver como eles se encaixam na categoria de nomes descritores, pois seus significados trazem as características simbólicas e literais dos lugares. Acerca deste último nome, é importante frisarmos que nos dias de hoje essa palavra pode ser usada de forma pejorativa, como forma de marcar um lugar/comportamento considerado escandaloso e hedonista, não condizente com os ensinamentos bíblicos.

¹ É importante mencionar que existem algumas divergências nas traduções bíblicas, algumas se referem como monte Sinai (ou monte Horebe), outras traduções chamam de deserto de Sinai.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que esse estudo propôs considerações valiosas acerca dos nomes próprios, refletindo sobre sua natureza no contexto das narrativas bíblicas e de seus efeitos em comunidades religiosas, com foco na análise de atos e mudança de denominação de pessoas e de lugares. Através dessa análise, problematizamos questões linguísticas, culturais e espirituais que possivelmente sustentaram a motivação da escolha/mudança dos nomes.

A identificação de tendências denominativas e a categorização entre *nomes que sofreram mudanças*: a) nomes escolhidos (subdivididos em nomes escolhidos por Deus e por pessoas); b) nomes mudados (subdivididos em nomes mudados por Deus/Jesus e nomes mudados por pessoas). Também apresentamos categorias orientadas pela *semântica dos nomes*. Dividimos esses nomes em: c) nomes proféticos; d) nomes que fortalecem profecias; e e) nomes descritores. No caso dos topônimos: identificamos todos como nomes descritores.

A partir da análise que realizamos, também vimos como essas tendências denominativas sofrem influências de uma perspectiva espiritual da palavra, isto é, uma noção que entende a palavra não só como uma estrutura linguística, mas como ferramenta que pode representar e operar poderes espirituais, nesse caso em especial, através da denominação, abençoando, marcando uma mudança de vida ou profetizando acontecimentos e papéis para a pessoa denominada.

É nesse sentido que as denominações tratadas aqui ganham um caráter performativo, conforme dissemos na introdução, pois identificamos que os usos dos nomes na denominação e mudança eram marcados por três dimensões interdependentes: *ato locutário* (uso de um conjunto de palavras), *ato ilocucionário* (ação atrelada à palavra, nos casos discutidos aqui vimos a marcação de mudança de vida, a criação de uma memória atrelada à palavra, a profecia e o ato de abençoar ou expressar algo sobre alguém/um lugar através do nome); e *ato perlocucionário*, a consequência da fala, nesse caso a consequência do uso do nome, o que foi discutido durante a análise dos nomes particularmente (ARBO, 2015, p. 187).

Como dito anteriormente, identificamos que nesse contexto o ser humano não é um denominador exclusivo, pois alguns nomes foram escolhidos/mudados por Deus, Jesus e anjos, em situações nas quais, muitas vezes, essa mudança possuiu um caráter

simbólico e performativo. É nesse sentido que podemos perceber efeitos de uma perspectiva espiritual da palavra aplicada ao processo denominativo no contexto da tradição bíblica e seus efeitos, como uma cultura denominativa em comunidades religiosas, o que pode influenciar os fiéis a utilizar nomes bíblicos ou se inspirar nas tendências denominativas presentes no texto.

Essa cultura, por ser atrelada a uma noção espiritual da palavra, pode ser vista como prestigiosa e influencia a linguagem e vivências de pessoas, a exemplo de pais que compram dicionários de nomes bíblicos para garantir que o nome de seus filhos esteja atrelado em bênçãos e histórias que acreditam e admiram. Essa influência pode, então, explicar o porquê de pessoas pertencentes a comunidades religiosas que utilizam as narrativas bíblicas utilizam os nomes dos personagens dessas histórias para denominar sua descendência. Além de explicar essa cultura, a noção espiritual da palavra pode criar diretrizes para a denominação, como a marcação de nomes bons ou não, além de imputar crenças espirituais aos nomes, como a ideia de nomes que são iluminados, que dão coragem ou certas características.

Para realizar esse trabalho utilizamos o texto bíblico traduzido para língua portuguesa, apresentando nomes do Velho e Novo Testamento, comparados em três edições, Ferreira de Almeida (2009), King James (2020) e Ave Maria (1959), entre as quais não há diferenças gritantes conforme nossa verificação. Também utilizamos o dicionário de nomes bíblicos de Moraes (2010) e alguns versículos que por si só já traziam o significado dos nomes selecionados, todos segundo a edição de Ferreira de Almeida Revista e Corrigida (2009).

Esses recursos possibilitaram uma base maior de traduções e significados bíblicos que sustentaram as nossas discussões, apresentamos análises dos nomes dos personagens e lugares com base nos textos bíblicos, continuando com pontuações que trouxessem a semântica e etimologia dos nomes, nesse caso o dicionário de nomes supracitado foi a base, pois os versículos citados como referência do aparecimento dos nomes bíblicos nem sempre descreviam ou apresentavam o significado dos nomes. Por fim, o suporte desse material nos ajudou a observar o nosso corpus com mais clareza e amplitude, possibilitando, assim, os argumentos que sustentam as tendências denominativas que são apresentadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eduardo. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, 55 (1), p. 63-82, 2011

AMARAL, Eduardo; SEIDE, Márcia. **Nomes próprios de pessoa**: Introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blücher, 2020.

ARBO, Jade. A teoria dos atos de fala: desafios e possibilidades. **Revista Lampejo** - vol. 7 nº 1, 2015, p. 183-194.

BÍBLIA King James. Geográfica Editora, 2020.

BÍBLIA Sagrada Ave-Maria. 141. ed. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1959, (impressão 2001).

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª Ed. 2009. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1664 p.

BIDERMAN, Maria. Dimensões da palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

CARVALHINHOS, P.J.; ANTUNES, A. M. Princípios teóricos de Onomástica. Toponímia e Antroponímia. O próprio nome. **Cadernos do CNLF**. Livro dos Minicursos. RJ: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro, 2007. Vol. XI, nº. 2, pp. 108 - 121.

CARVALHINHOS, Patrícia. Aplicação da teoria dos signos na onomástica. **Língua e Literatura (USP)**, v. 27, p. 299-309, 2011.

CORGOSINHO, R. Nome e nome próprio: Cerne filosófico e implicações linguísticas. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 20, n. 28, p. 68-94, mar. 2018.

DICIONÁRIO ONLINE DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 nov. 2022.

GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas S. A., 2008.

MARTINS, Francisco. **O nome próprio**. EdUNB, 1991.

MEXIAS-SIMON, Maria Lucia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. **O nome do homem**: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação editora, 2004.

MORAES, Elias. **Dicionário de nomes bíblicos**. São Paulo: Beit Shalom, 2010.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento**: a língua como janela para a natureza humana. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIARO, Eduardo. História das palavras: etimologia. **Revista Museu da Língua Portuguesa**. 2017. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/educacao/biblioteca/lingua/>. Acesso em 15 out. 2022.